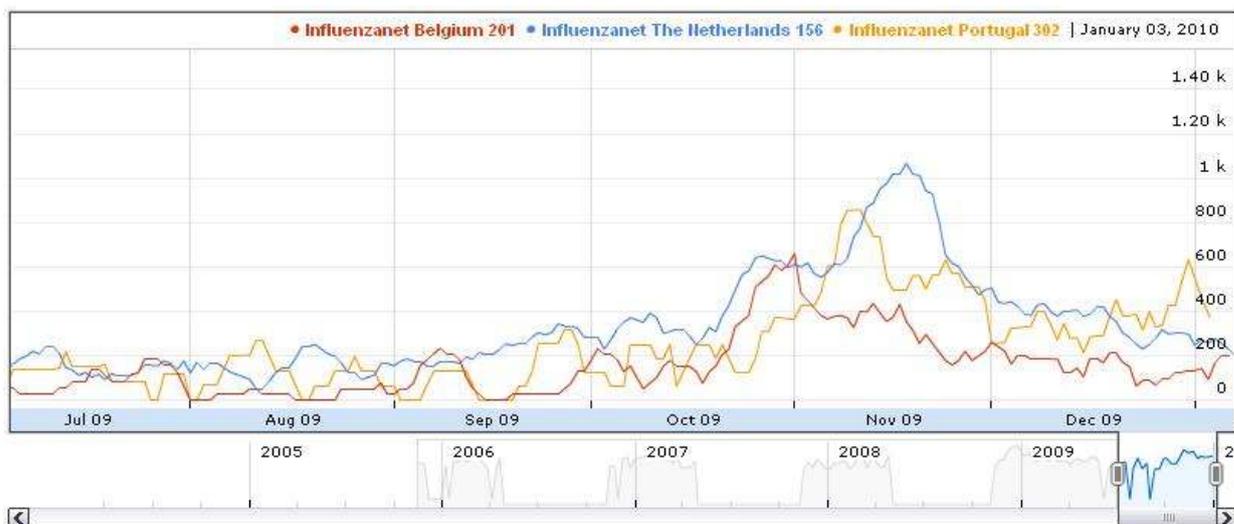


“Gripenetes”: o radar da epidemia (em tempo real)



Primeiro a Bélgica, depois Portugal, por fim a Holanda. Foi por esta ordem que os três países europeus pioneiros na monitorização online atingiram os picos epidémicos do Outono/Inverno. No gráfico desta “timeline” podem ser comparadas as três curvas de incidência Gripenet (Portugal a amarelo, Bélgica a vermelho, Holanda a azul). Esta é uma das vantagens do sistema Gripenet (ou, no seu genérico europeu, Influenzanet): comparação uniforme entre países.

O que fazer com estas vacinas?

Com a pandemia a abrandar, um pouco por todo o mundo, vários países começam a ter dificuldade em administrar a vacina à sua população e começam a discutir o que fazer com os excedentes. Não só alguns países desenvolvidos tinham decidido elevadas taxas de vacinação (em alguns casos a 100%), como só depois de as encomendas estarem feitas os testes clínicos indicaram que apenas uma dose bastava para conferir imunidade.

Anteontem, a Organização Mundial de Saúde revelou que 14 países e seis laboratórios manifestaram a intenção de doar 910 milhões de vacinas. Esse excedente irá ser distribuído por 95 países em vias de desenvolvimento.



O governo francês anulou a encomenda de 50 milhões de doses de vacinas contra a gripe A (H1N1), um dia depois de ter confirmado que a França colocou à venda parte do seu stock a outros países. A encomenda francesa de vacinas foi de 94 milhões de doses. O anúncio da rescisão das encomendas de vacinas foi feito segunda-feira à noite pela ministra da Saúde francesa, Roselyne Bachelot à rede de televisão TF1, que defendeu que a gestão da crise é “evolutiva”.

“Esta encomenda não havia sido entregue, nem paga. Ela está, portanto, cancelada”, destacou a ministra. Levando em conta o valor total das doses encomendadas (712 milhões de euros), o cancelamento “representa uma economia de mais de 50%”, ressaltou. O governo francês está a enfrentar uma onda de críticas externas e internas pela compra excessiva de vacinas contra a gripe H1N1, o que motivou, inclusive, uma investigação parlamentar.

A Suíça, com uma população de 7,7 milhões de habitantes, tinha ordenado a compra de 13 milhões de doses à GlaxoSmithKline e à Novartis. O governo suíço foi um dos que informou a OMS que iria, agora, oferecer 4,5 milhões de doses excedentárias. Apenas uma pequena parte da encomenda foi administrada (15% a 30% da população terá sido vacinada). Jean-Louis Zurcher, porta-voz do Gabinete Nacional de Saúde adiantou, entretanto, que a Suíça está também vendedora de um número indeterminado de vacinas.

O governo alemão está a tentar devolver metade das 50 milhões de doses encomendadas, o holandês quer vender 19 milhões dos 34 milhões que reservou para a sua população e um responsável do governo britânico admitiu que o reino Unido também considera a venda de excedentes.

Portugal: 320 mil vacinados

Cerca de dois meses depois de ter arrancado a campanha de vacinação contra a gripe A, cerca de 320 mil portugueses já foram imunizados, informou hoje, em conferência de imprensa, o director-geral da Saúde. Francisco George explicou também que, nas próximas semanas, a vacinação vai ser alargada a novos grupos que ainda não foram definidos e alertou para o facto de que “este vírus não vai desaparecer”.

Ainda de acordo com o responsável, já foram distribuídas pelos serviços de saúde 470 mil doses de vacinas e dentro de pouco tempo esperam-se novas entregas sendo que, inicialmente, a farmacêutica tinha estimado uma entrega de um milhão de doses até ao final de 2009.

Ao todo, o país encomendou seis milhões de doses, que servem para vacinar mais de cinco milhões de Portugueses.

Por seu turno, a sub-directora geral da Saúde, Graça Freitas, lamentou que muitas grávidas não se tenham vacinado apesar de serem «o grupo de risco mais vulnerável». Graça Freitas deixou também em aberto a possibilidade de um novo alargamento da vacinação contra o H1N1. «Tudo indica que, a haver um alargamento da vacinação, será aos jovens adultos saudáveis», avançou a responsável.



Serviços de saúde mais desafogados

De acordo com a última nota informativa do Ministério da Saúde (MS), “na semana de 28 de Dezembro a 3 de Janeiro de 2010, foram observados nos serviços de saúde 4.811 doentes com sintomas de gripe, independentemente da confirmação laboratorial dos vírus em causa. Neste período, verificou-se uma desaceleração no que se refere ao número de novos casos.”

O MS acrescenta que “no último dia da semana em referência (domingo), estavam internados 73 doentes, dos quais 18 em Unidades de Cuidados Intensivos. No mesmo período registaram-se 6 óbitos, sendo de 78 o total acumulado de óbitos (este total

contabiliza 3 óbitos ocorridos na 52.^a semana mas reportados na 53.^a). Nesta semana não foram notificados *clusters* em escolas.”

A gripe A (H1N1) já matou 81 pessoas em Portugal, das quais 11 não apresentavam factores de risco.

Fundações, ciência e exigência

As fundações privadas que financiam investigação científica arriscam mais e são mais flexíveis, mas esperam também mais resultados, dizem representantes de várias destas entidades que se reuniram a 29 de Dezembro, em Oeiras, para um debate sobre o sector.

Leonor Beleza, pela Fundação Champalimaud, desenhou os planos para 2010 da instituição e explicou o funcionamento da organização, que procura a “excelência da Ciência”. Disse ainda que para seguir o modelo do fundador (o empresário António Champalimaud), é preciso “ser criativo, activo e obter resultados”.

Wilhem Krull, da Fundação alemã Volkswagen, sublinhou que a fundação é “padrão e não parte da academia” e por isso é mantida a independência de uma investigação “excelente e inovadora”.

António Coutinho, director do Instituto Gulbenkian da Ciência, falou na “perspectiva do utilizador do financiamento” e garantiu que as fundações não têm um papel fácil ao “confiar” nos cientistas, que, por vezes, são financiados por um (demasiado) curto espaço de tempo.

António Coutinho questionou ainda a não alteração da forma de algumas disciplinas nas instituições de ensino nacionais e defendeu a partilha de princípios na investigação para haver complementaridade, flexibilidade e entendimento. Os investigadores querem “apoio, risco, flexibilidade e confiança”, resumiu.



António Coutinho, director do IGC